



DCO

quarta-feira



Delinquência estatal

Ideólogo quer torrar dinheiro do povo para "eliminar monumentos"

Por meio do aparato estatal, ideólogo promete eliminar monumentos ao invés de eliminar a fome



**CORRENTE SINDICAL
NACIONAL
CAUSA OPERÁRIA**

CONTATOS:
(11) 98344-0068
(11) 996617-6178
(11) 98567-5847



PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA

- facebook.com/pco29
- instagram.com/pco.29/
- twitter.com/PCO29
- youtube.com/CausaOperariaTV
- pco.sorg@gmail.com
- [tel./wp: 11 99741-0436](tel://1199741-0436)

**FILIE-SE AO PCO:
PCO.ORG.BR**

Eleições 2022

Quer que Lula seja eleito? Panflete junto aos militantes do PCO!

Partido da Causa Operária (PCO) dá o tom que a campanha de Lula deve adquirir e permanece dia e noite nas ruas, lutando por Lula Presidente com candidaturas operárias



**Redação da
Editoria de Política
DCO**

Com a chegada do primeiro turno, a campanha eleitoral de 2022 se aproximam de seu fim. Até o momento, o pleito se resumiu a

um grande teatro que, comandado pela imprensa burguesa, procura apresentar justamente o quadro que a burguesia almeja fabricar. Em outras palavras, tornou-se um jogo baseado na análise das pesquisas eleitorais que os capitalistas produzem por meio de seus jornais, pesquisas que, mais uma vez,

servem aos interesses de classe da burguesia.

Entretanto, a esquerda, ao invés de denunciar isso, entrou de cabeça na jogada da burguesia e, demonstrando que não possui absolutamente nenhum princípio político, abandonou completamente as suas formas tradicionais de luta.

Deus-mercado

Lula quer ser aceito pela burguesia; mas será mesmo aceito?

Lula tem feito muitos acenos ao 'mercado', quer demonstrar que fará um governo de conciliação, que não baterá muito de frente. O recente apoio de Henrique Meirelles à candidatura do petista teve uma reação positiva nas bolsas e no preço do dólar. É o que estão afirmando na mídia independente. Porém, as declarações são cautelosas, não nenhuma euforia; mesmo porque, sabemos,

os investidores preferem Bolsonaro, só aceitarão Lula caso não consigam manobrar e impor uma derrota ao petista.

Apesar do confete que estão jogando, Meirelles foi candidato à presidência em 2018, não obteve apoio do 'mercado' e amargou uma 7ª posição, atrás do prosaico Cabo Daciolo, mas ficou à frente de Marina Silva,



Entrevista

"A juventude é um setor de vanguarda dentro do PCO"

ESCOLHA DOS EDITORES

Eleições 2022

Quer que Lula seja eleito? Panflete junto aos militantes do PCO!

Partido da Causa Operária (PCO) dá o tom que a campanha de Lula deve adquirir e permanecer dia e noite nas ruas, lutando por Lula Presidente com candidaturas operárias

Com a chegada do primeiro turno, a campanha eleitoral de 2022 se aproximam de seu fim. Até o momento, o pleito se resumiu a um grande teatro que, comandado pela imprensa burguesa, procura apresentar justamente o quadro que a burguesia almeja fabricar. Em outras palavras, tornou-se um jogo baseado na análise das pesquisas eleitorais que os capitalistas produzem por meio de seus jornais, pesquisas que, mais uma vez, servem aos interesses de classe da burguesia. Esta avaliação, por si só, já demonstra o estado em que se encontra toda a campanha eleitoral no Brasil. Nos últimos anos, por meio do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a burguesia vem tornando a disputa cada vez mais antidemocrática, a começar pela cláusula de barreira que esmaga os direitos de partidos menores de concorrerem às eleições de maneira justa. Além disso, temos toda a legislação que serve para regulamentar as atividades eleitorais, prevendo uma série de regras esdrúxulas em relação à panfletagens, carros de som, cartazes e muito mais. Sem contar na duração do período eleitoral que, na prática, deve ser feito de maneira “relâmpago”. Entretanto, a esquerda, ao invés de denunciar isso, entrou de cabeça na jogada da burguesia e, demonstrando que não possui absolutamente nenhum princípio político, abandonou completamente as suas formas tradicionais de luta. Não é à toa que, até agora, faltando pouco mais de uma semana para as eleições, não se vê uma grande campanha de rua, muito menos uma campanha digna do tamanho do impacto que Lula representa dentro da política brasileira.

Antes, esses setores da esquerda, à reboque da política do imperialismo, fazem política “por cima”, ou seja, procuram realizar uma verdadeira frente ampla com figuras reacionárias da política nacional para, supostamente, angariar votos. Isso se dá, principalmente, na campanha de Lula que, ao invés de mobilizar as suas bases, se “apoia” em elementos como Alckmin, Henrique Meirelles e Márcio França.

Todavia, trata-se de uma política que, aplicada em outras ocasiões, já mostrou que é completamente falida. Lula, em 2002, tentou realizar alianças parecidas com as dos dias de hoje, algo que resultou em uma profunda direitização de seu primeiro governo, mesmo que tenha vencido as eleições.

Acima disso, na atual conjuntura brasileira, é uma política que não trará absolutamente nenhum resultado positivo para Lula, pois a burguesia e, principalmente, o imperialismo, já deixaram absolutamente claro que não querem mais um governo do PT. Afinal, prenderam Lula e derrubaram Dilma para que não tomassem o poder mais uma vez.

Portanto, a única alternativa que resta, e a mais segura de todas, só pode ser uma: a mo-



Participe agora mesmo das atividades do PCO e junte-se à luta pela eleição de Lula – Foto: Diário Causa Operária

bilização da classe operária brasileira na luta contra o golpe de Estado que há mais de uma década assola o País. Esse deve ser o eixo central da campanha de Lula caso o mesmo não queira sofrer ainda mais um golpe.

Assim como em todas as etapas fundamentais da luta contra o imperialismo no Brasil, o Partido da Causa Operária (PCO), nadando contra a correnteza dos ditames da imprensa burguesa, vem travando uma luta incansável em prol da campanha por Lula Presidente. Ainda mais nessa reta final das eleições de 2022, vem realizando atividades de panfletagem todos os dias, todas as horas e em todos os locais do Brasil, trazendo, de fato, a campanha de Lula para as ruas e, conseqüentemente, para o povo.

De Norte a Sul, a militância aguerrida do PCO tem se concentrado em uma única tarefa fundamental: divulgar a política do Partido e, com isso, realizar uma gigantesca campanha nacional por Lula presidente. Finalmente, o PCO entende, há muito, que a principal reivindicação, neste momento, deve ser a candidatura de Lula e, além disso, defende de maneira incondicional a mobilização popular como verdadeira forma de luta da classe trabalhadora.

Vale lembrar que, no último período, o PCO sofreu uma dura perseguição por parte da burguesia e, principalmente, por meio da figura de Alexandre de Moraes que, como presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), incluiu o Partido no Inquérito das Fake News e determinou o bloqueio de todas as suas contas nas redes sociais. Um verdadeiro ato de censura contra um Partido legalmente constituído pouco tempo antes das eleições. Ademais, na presidência do TSE, atrasou o fundo eleitoral do Partido em cerca de 20 dias, colocando um grande empecilho na atividade política do PCO nas eleições deste

ano. Finalmente, diferente de outros partidos da esquerda, o PCO se sustenta única e exclusivamente de sua força militante, virando suas costas à empresas, bancos, ONGs e a qualquer tipo de instituição que, atrelada à burguesia, utilize a questão financeira como forma de controle.

Apesar de tudo isso, ao invés de ficar de braços cruzados, o PCO, seguindo sua tradição profundamente revolucionária, iniciou, mesmo assim, sua campanha eleitoral por meio de uma campanha financeira independente. Agora, com o fundo eleitoral, entrou, na reta final das eleições, em uma grande atividade de panfletagem para, finalmente, vencer as tentativas de excluí-lo do pleito.

Então, agora é a hora de se juntar às atividades do Partido! Se você quer eleger Lula como presidente, então junte-se imediatamente aos militantes do PCO e participe das panfletagens à nível nacional. Basta entrar em contato com o número (11) 99741-0436 para se integrar em alguma atividade nas sua região.

Como disse Lenin, “Na sua luta pelo poder, o proletariado não tem outra arma senão a sua organização” e, agora, em um dos momentos mais cruciais de toda a história nacional, é o momento para lutar cada vez mais pela organização da classe operária brasileira. A campanha de Lula deve tomar, imediatamente, um caráter puramente popular, algo que começa por meio da pressão das bases sobre as direções. Nesse sentido, é preciso expulsar todos os vampiros ao redor de Lula por meio da força nas ruas.

Caso contrário, é provável que vejamos, mais uma vez, uma vitória do imperialismo sobre o Brasil. Algo que resultará, inevitavelmente, em uma devastação muito maior do que foi o governo Bolsonaro.

BLOGS E COLUNAS

Delinquência estatal



Ideólogo quer torrar dinheiro do povo para "eliminar monumentos"

Roberto França Por meio do aparato estatal, ideólogo promete eliminar monumentos ao invés de eliminar a fome

Ideólogo da Nova Esquerda, Vladimir Safatle, professor da USP, promete "eliminar todos os monumentos responsáveis pelo genocídio de povos escravizados". De acordo com Safatle: "Quem controla o passado, controla o futuro", diz George Orwell, em 1984. A celebração de responsáveis por genocídios, extermínio e terrorismo de estado é apenas uma forma de repetir o apagamento e a violência contra setores da população ainda hoje submetidos a um estado predador. Derrubar tais monumentos, tal máquina de destruição da memória não é reescrever a história, mas contá-la pela primeira vez.

Não há nada mais diversionista e reacionário que dizer que uma estátua serve para apagar a violência dos opressores, pois o desenvolvimento histórico é violento e contraditório. Neste Diário, e também em todos os veículos de imprensa do PCO, já foi demarcado o que está por trás dessa ação. De acordo com o jornalista Eduardo Vasco "Derrubar monumentos, ação desesperada e uma política identitária", pois, "ao invés de lutar por uma conquista verdadeira, por uma real emancipação da sociedade, os identitários fazem o jogo do imperialismo e pregam uma luta simbólica inócua".

Monumentos são símbolos. Símbolos pertencem ao mundo subjetivo. A esquerda pequeno-burguesa, por ser idealista por sua própria natureza de classe, apega-se mais à simbologia do que à realidade material. Para ela, cuja vida material é relativamente confortável, criar ou destruir um símbolo é algo importante, pois pode se preocupar com isso. Para a maioria da população, no entanto, que precisa se preocupar a cada instante com sua sobrevivência material, a simbologia vem em segundo plano, para dizer o mínimo (VASCO, 2020).

Além da discussão política em torno de uma proposta de projeto de lei, reacionária e custosa ao País, a derrubada de estátuas serve como simulacro de luta e pretende impor uma nova história, contada a partir da lógica do imperialismo, que, por sua vez, visa 'reiniciar' a histó-

ria, especialmente dos países atrasados. Não se trata de uma análise da história sob uma ótica crítica, mas de simples diversionismo. O "reincio" (great reset), abordado por setores nacionalistas, é uma pauta do Fórum Econômico Mundial, conforme demonstramos anteriormente para este Diário.

Em coluna intitulada "Do direito inalienável de derrubar estátuas" para o jornal imperialista, El País (na versão sem paywall para o "Racismo Ambiental"), Safatle afirma que "Um bandeirante é, acima de tudo, um predador. Celebrá-lo é afirmar um 'desenvolvimento' de um país composto por uma nata encastelada em condomínios e uma grande massa que ainda hoje é caçada".

Nessa lógica abstrata, o Brasil não poderia existir, pois a expansão do quinto maior país do mundo em extensão territorial, não teria ocorrido sem a presença dos Bandeirantes. Com todas as contradições envolvidas, o Brasil é um país que exerce temor ao imperialismo, pois é grande, rico em recursos e que por isso teve um desenvolvimento relativamente progressista, apesar dos regimes políticos e teve um dos mais duradouros governos de esquerda da América Latina.

Não há nada de concreto, comprovado, que a eliminação de monumentos acabará com as desigualdades, que vingará injustiças e que alterará os grandes fatos, como o fato de vivermos no segundo país mais cobiçado do mundo após a Rússia. Enquanto Safatle olha para a história, sobra geografia para o imperialismo, que vê suas ações facilitadas, a partir da campanha contra o próprio Brasil, feitas por ideólogos, principalmente do PSOL.

O nazismo também foi um movimento que se apropriou da "identidade", usou os alemães contra os demais povos e ideologias. O nazismo promoveu a queima de livros, derrubou estátuas e se projetou para revisar a história. Para o identitarismo, de forma geral, não há a possibilidade de se discutir e analisar a história de um ponto de vista concreto, a partir da

política, demonstrando aos trabalhadores que a principal força produtiva é o trabalho. Portanto, os trabalhadores participam da história, não como espectadores. Monumentos erguidos a "opressores" podem ser removidos durante o desenvolvimento da luta política real, não por intermédio do próprio Estado, este sim um instrumento de opressão.

Sabendo disso, Lênin jamais propôs a derrubada do capital fixo e de símbolos do czarismo. Após a revolução russa, preservou-se o capital fixo czarista e diversos símbolos, como o Kremlin. Uma nova arquitetura se impôs no país, mas a base fixa da Rússia foi preservada para o desenvolvimento social. Já os Bandeirantes foram agentes sociais e políticos que, ao serem confrontados com o território, a natureza e com as dificuldades, se colocaram a sobreviver. A disputa ou até as alianças com os indígenas fizeram parte de uma epopeia do desenvolvimento da própria história progressista da humanidade, e resultou em um país de grande capacidade humana e natural.

O que resta dizer é que Safatle está a serviço, não se sabe se direta ou indiretamente, do Fórum Econômico Mundial, órgão deliberador das políticas das grandes corporações financeiras, industriais, de serviços e comerciais. Os grandes capitalistas estabelecem pautas que visam confundir os incautos, sabendo que o terceiro setor, tanques de ideias (think tanks) e universidades, replicarão ideias como "derrubar estátuas".

Muitos, como Paulo Galo, "o defumador de estátuas", será visto por Safatle como grande "revolucionário", enquanto isso, a burguesia atua contra os trabalhadores. O caminho para o neoliberalismo permanece aberto, enquanto o marionete Vladimir Safatle, coloca uma proposta de lei absurda. A imprensa burguesa repercutiria uma ação como essa, enquanto os bancos continuariam leiloando o País. O que Safatle propõe é uma forma de assalto do orçamento da União contra o povo brasileiro.

JOÃO CÂNDIDO

O COLETIVO DE NEGROS DO PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA
REUNIÕES TODOS OS SÁBADOS ÀS 16 HORAS

JUNTE-SE A NÓS: (11) 95208-8335

TIÇÃO, PROGRAMA
DE PRETO

TODA 5ª FEIRA, ÀS 19H
NOS CANAIS: TIÇÃO
E CAUSA OPERÁRIA TV

EDITORIAL

Pesos mortos

O “apoio” a Lula não vem do setor principal da burguesia

Políticos outrora relevantes para a burguesia tomam de assalto a campanha de Lula e criam a ilusão de que a parte mais importante da burguesia está com o petista.

Avontade de se convencer de que vai tudo bem na campanha eleitoral de Lula leva seus "estrategistas" a exagerar o peso do suposto apoio recebido de figuras como Geraldo Alckmin, Marina Silva ou Henrique Meirelles. A aproximação deles seria uma espécie de comprovante da aprovação da burguesia em relação à candidatura Lula.

Uma declaração de apoio de Marina Silva não significa que George Soros e outros agentes do imperialismo estão com Lula. O mesmo vale em relação aos setores que já tiveram seus interesses defendidos por Alckmin e Meirelles. Aliás, sobre esses dois vale lembrar das eleições de 2018. Alckmin era o candidato preferencial, mas como a direita tradicional derreteu diante da polarização política, foi abandonado para garantir a vitória de Bolsonaro contra o PT. Já Meirelles nem foi levado muito em consideração desde o começo do processo.

Se essas figuras já foram secundarizadas pela

burguesia mesmo atuando diretamente contra as candidaturas petistas, porque estariam em primeiro plano agora? Por amor à "democracia"? Contra o fascismo? A mesma burguesia que bancou a ditadura militar teria subitamente se tornado "lulista" e escolhido como plano principal deixar de sugar parte do orçamento do Estado para bancar as políticas de Lula para a população mais pobre?

Como está evidente há algum tempo, o setor principal da burguesia tem entrado em conflito com o governo Bolsonaro por conta de divergências menores e dos problemas causados por conta da agenda para agradar a base bolsonarista. É razoável pensar que eles teriam menos conflitos lidando com um governo Lula do que com um governo Bolsonaro, que cumpre com as diretrizes mais importantes da sua política entreguista e antipopular?

Esse setor está trabalhando há vários meses na chamada "terceira via", definida recentemente na candidatura de Simone Tebet. Uma política

mais tradicional, insossa, sem qualquer base popular, uma representante muito mais adequada para a burguesia mais poderosa do país do que Bolsonaro. E se isso não der certo, muito antes de aceitar um governo Lula, vão de Bolsonaro mesmo. O atual e ilegítimo presidente, inclusive, vem sinalizando a esse setor da burguesia que está disposto a ser um bom funcionário, especialmente com as recentes privatizações, muito improváveis de acontecer num governo do petista.

A adesão desses políticos da direita, longe de provar que o setor principal da burguesia está apoiando Lula, só mostra que sua candidatura esta sendo minada por dentro. Além de afastar a militância de esquerda, caso seja inevitável aceitar uma vitória do petista, seu governo estará infestado de ratos da direita. Isso garantiria um governo muito distante dos anseios populares, o que ainda desgastaria o potencial eleitoral de Lula e do PT, e em último caso um governo mais facilmente golpeável.

ATIVIDADES

Às ruas!

Militantes do PCO se multiplicam e estão em todos os lugares

Militantes do PCO estão diariamente distribuindo panfletos no Brasil inteiro

O Partido da Causa Operária é de longe o partido com mais impedimentos colocados pela burguesia nesta campanha eleitoral. A legenda já estava sendo altamente censurada pelo Supremo Tribunal Federal, que derrubou suas redes e os colocou no inquérito das fake news, punindo o partido por expressar suas opiniões sobre determinados assuntos, como o papel do STF na sociedade brasileira e o caráter das últimas eleições no País.

Além de ter seus meios de comunicação arbitrariamente cortados, o partido também entrou na eleição com seu fundo eleitoral bloqueado, impedindo assim a produção rápida de materiais para o período de campanha.

Esse fator é grave na medida em que o período de campanha eleitoral é absurdamente pequeno, fazendo com que partidos pequenos e com poucas condições tenham que se entregar de corpo e alma para fazer alguma coisa decente, enquanto os partidos da burguesia já tem todo o aparato planejado, com plenas condições de montar equipes inteiras de assessores, coordenadores e advogados para lidar com toda burocracia que assombra o brasileiro durante as eleições.

Esse é o caso do PCO. Sem espaço na tevê aberta — uma vez que foi impedido pela cláusula de barreira de ter espaço na propaganda eleitoral em rede pública — e sem suas redes sociais, o partido foi atrás de mobilizar ainda mais toda sua militância para que esta fosse sua maior campanha desde sua criação.

Com o fundo eleitoral finalmente liberado, o PCO poderia começar a pegar pesado na campanha, porém o período para isso já estava a meio caminho andado. Não só isso, mas ainda é preciso considerar que existe um tempo para que os materiais sejam produzidos, ou seja, existe mais um tempo perdido além daquele retirado à força pelo TSE.

Isso, entretanto, não é o suficiente para fazer um partido revolucionário desistir. O PCO, de maneira organizada e centralizada, deliberou que, em duas semanas, serão distribuídos 4 milhões de panfletos em todo o país, sendo mais de 1 milhão apenas no estado de São Paulo. Os militantes do partido estão o dia inteiro, em diversos pontos do país, distribuindo panfletos diretamente na mão do trabalhador.

Agora, na reta final da campanha, o partido tem se dedicado mais que nunca na distribuição do material eleitoral. Nenhum panfleto, santinho ou adesivo ficará parado, mas

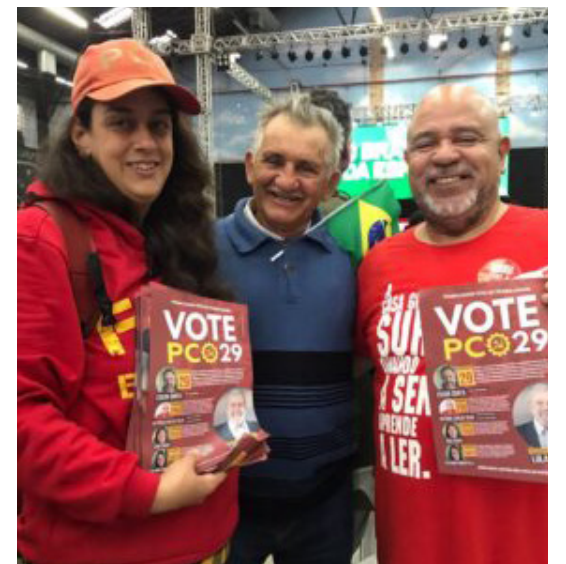
sim irão circular nos metrô, escolas, universidades, fábricas — irão circular nas ruas, nas mãos dos trabalhadores.

O empenho colocado nessa campanha eleitoral fez com que o partido atingisse seu objetivo de fazer com que essa fosse a maior campanha eleitoral na história do PCO, isso em número de pessoas envolvidas (militantes e simpatizantes), assim como em número de materiais e agitação política.

Tudo isso indica que, apesar das inúmeras tentativas de tentar calar o PCO, o partido tem dado a volta por cima para contornar a censura sofrida nos últimos meses. São centenas de militantes nas ruas, todos os dias, entregando panfletos, santinhos e adesivos para a população brasileira, difundindo o programa do partido e explicando para cada trabalhador a importância do apoio à candidatura de Lula nessas eleições.

A campanha é feita de maneira natural, voluntária, com os militantes do próprio partido nas ruas. O PCO também não recebe dinheiro de bancos ou de empresários, fazendo com que todo o trabalho árduo de cada militante seja de extrema importância para a propaganda política do partido.

Todos os militantes voltam à sede



Panfletagem com militantes e simpatizantes

do partido com alguma história para contar após suas panfletagens. Um relato muito comum é a ótima receptividade do partido entre a população — muitas pessoas vão até o militante que está panfletando para pedir o panfleto, afirmando que conhecem o PCO e o acompanham o partido nas redes e na imprensa. Tudo isso é muito importante para evidenciarmos que apenas um partido revolucionário trás à tona as vontades do povo brasileiro, colocando em pauta os interesses e reivindicações da população e mostrando ao povo que é apenas indo às ruas que a luta pode ser travada com algum tipo de resultado.

ELEIÇÕES

Entrevista

"A juventude é um setor de vanguarda dentro do PCO"

ODCO entrevista Maya Bastos, candidata a deputada estadual pelo Partido da Causa Operária

Segundo uma série de entrevistas que estão sendo feitas com os candidatos do Partido da Causa Operária, este Diário hoje entrevista a candidata a deputada estadual em São Paulo, Maya Bastos.

Maya, que milita desde os 13 anos de idade, é estudante e entrou no partido durante a luta contra o golpe de 2016, que derrubou a ex-presidenta Dilma Rousseff. Maya é natural de Brasília, mas, durante seu tempo no movimento secundarista, decidiu morar em São Paulo para se dedicar integralmente a sua militância, atualmente se dedicando principalmente à Aliança da Juventude Revolucionária (AJR), o grupo de jovens do PCO.

Maya Bastos é candidata a deputada estadual e seu número é 29729. Clique aqui para ter acesso ao seu material de campanha. Leia abaixo a entrevista da companheira:

DCO: Quando você entrou no PCO?

Maya Bastos: Eu entrei em 2017, quando tinha 13 anos de idade.

DCO: Você era muito nova, como tem sido a sua militância desde então?

MB: Ela se desenvolveu muito. Eu comecei a militância como estudante secundarista, em Brasília, e passei por muita coisa desde então.

DCO: Você chegou a participar das ocupações contra o governo Alckmin nas escolas de São Paulo?

MB: Eu ainda não estava em São Paulo naquela época, mas eu participei das manifestações em Brasília contra o golpe. Eu entrei principalmente na época da luta contra o golpe, então, mesmo militando como secundarista, o nosso maior foco sempre foi essa luta. Com o tempo eu fui me desenvolvendo mais e entrei na Aliança da Juventude Revolucionária, a AJR, o coletivo de jovens do partido, e conheci diversos outros jovens, de diferentes idades, e fui conhecendo mais esse lado do partido.

DCO: E desde então você tem participado da luta na AJR, inclusive organizando em Brasília.

MB: Sim, desde então minha principal área de militância é na juventude. Lá em Brasília, na época do EAD [ensino remoto aplicado durante a pandemia], nós nos organizamos, organizamos várias escolas e conseguimos mobilizar várias delas, fazer greves. Nós só não realizamos ocupações porque estávamos na época do Covid-19 e as escolas não estavam sendo usadas. A greve inclusive saiu de Brasília e passou para outros estados, tivemos uma greve na própria UNB, em 2020, contra o EAD e o sucateamento do ensino.

DCO: Como foi a construção dos comitês estudantis na sua região?

MB: A partir disso [das greves] nós começamos com a iniciativa dos comitês de luta estudantil, os quais tiveram início em Brasília. Esses comitês foram "pipocando" em vários outros estados, como em São Paulo, no Rio de Janeiro, nos estados do sul, vários



estados do nordeste e no centro-oeste. Foi uma iniciativa muito bem sucedida, inspirada nos comitês de bairros feitos pelo partido naquela época, feitos para organizar os moradores dos bairros na época do Covid-19.

DCO: Você participou desses comitês de bairro?

MB: Sim, inclusive a gente participava de um conselho no Varjão, uma periferia de Brasília que na época era organizada pela própria juventude, que já organizava, na época, o comitê de luta estudantil.

DCO: A sua família tem alguma ligação com o partido, considerando o quão cedo você começou sua militância?

MB: Eu nasci nesse clima, meus pais são militantes, assim como meu padrasto, minha tia. Eu sempre estive envolvida na militância, desde sempre. Tanto é isso que, durante o ensino médio, eu decidi me mudar para São Paulo para me dedicar à militância.

DCO: Desde então você vê uma participação maior da juventude no partido? O número de jovens cresceu muito?

MB: Com certeza! Inclusive têm regionais que são organizadas praticamente só por jovens. A juventude está muito presente nos papéis de liderança do partido, o Comitê Central, que é a direção do PCO, tem muitos jovens, os jovens sempre estão como coordenadores de regionais, sempre estão organizando a militância, sempre foi e ainda é

um setor de vanguarda dentro do partido

DCO: Qual a principal política do PCO em relação aos jovens?

MB: Existem algumas questões, como a da educação e a das drogas. Em relação a universidade, nós defendemos o ingresso livre, ou seja, o fim do vestibular e, por consequência, o fim das cotas — tudo isso para que quem queira estudar possa fazer isso sem nenhum impedimento. Além disso, também defendemos o governo tripartite, ou seja, uma direção formada e eleita pelos estudantes, professores e funcionários da universidade em questão, e não escolhida arbitrariamente pelo presidente. Quanto às escolas do ensino fundamental e médio, somos a favor da estatização de todo o ensino e do fim do ensino militar.

Outro ponto importante é que somos a favor da liberação de todas as drogas. Isso porque a proibição da venda gera o tráfico, o que acaba sendo o principal destino da juventude pobre e desempregada nas favelas do país. Além disso, por ser proibido, o tráfico gera ainda mais violência policial, e é uma desculpa para as invasões da polícia nas favelas, considerando ainda que os jovens pobres são os que mais sofrem com a violência policial no Brasil. Apesar disso, também é importante reforçar que somos contra o uso de drogas, uma vez que essas são responsáveis por retirar o usuário da realidade como uma forma de escape da péssima vida que ele tem, algo que é um entrave para a luta política.

POLÊMICA

Deus-mercado

Lula quer ser aceito pela burguesia; mas será mesmo aceito?

Lula acena para o 'mercado', quer ser aceito; o mercado, no entanto, quer coisas que Lula não tem como entregar, por isso fará tudo para prejudicá-lo.

Lula tem feito muitos acenos ao 'mercado', quer demonstrar que fará um governo de conciliação, que não baterá muito de frente. O recente apoio de Henrique Meirelles à candidatura do petista teve uma reação positiva nas bolsas e no preço do dólar. É o que estão afirmando na mídia independente. Porém, as declarações são cautelosas, não nenhuma euforia; mesmo porque, sabemos, os investidores preferem Bolsonaro, só aceitarão Lula caso não consigam manobrar e impor uma derrota ao petista.

Apesar do confete que estão jogando, Meirelles foi candidato à presidência em 2018, não obteve apoio do 'mercado' e amargou uma 7ª posição, atrás do prosaico Cabo Daciolo, mas ficou à frente de Marina Silva, outra figura sinistra que declarou apoio a Lula em troca da criação de uma Autoridade Climática no Brasil, uma espécie de cavalo de Troia para facilitar a internacionalização da Amazônia.

Obviamente a sinalização começou bem antes, com a escolha de Alckmin para vice na chapa. É preciso que se diga que na base, pelo menos, essa indicação é amplamente rejeitada, só está sendo aceita porque é bancada pessoalmente por Lula.

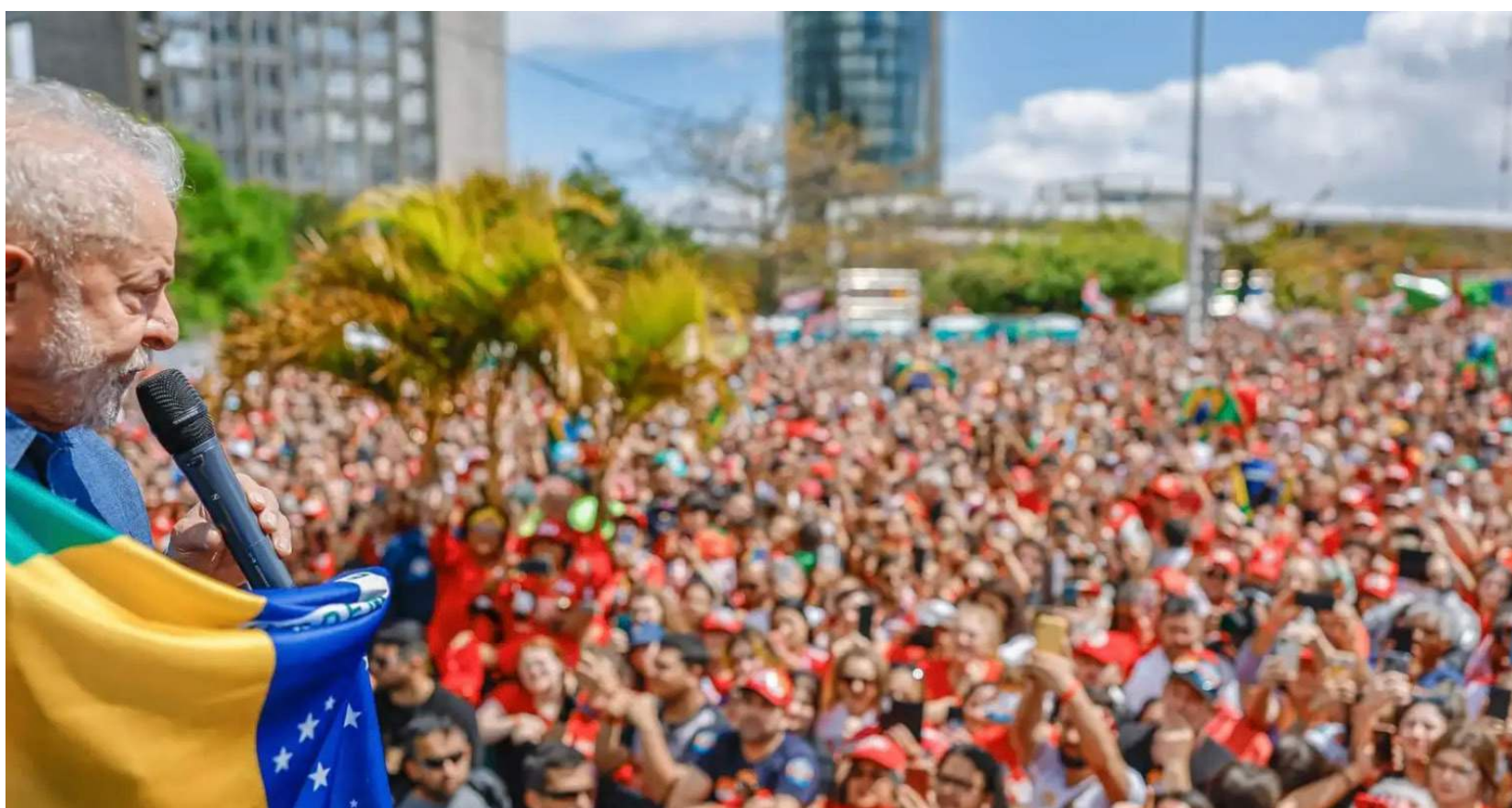
Talvez um dos planos da burguesia seja tirar Lula e deixar que seu vice assumira. Porém, uma coisa é certa, a rejeição será igual ou pior àquela sofrida pelo traidor Michel Temer. A sociedade está apaziguada pelas eleições. Todos os índices econômicos e sociais apontam para momentos de enfrentamento. Por quanto tempo esse momento pode ser protelado não se sabe.

Janaína Paschoal, totalmente alucinada, discursa no Largo São Francisco contra Dilma.

Outro lixo tóxico que acaba de declarar apoio a Lula é Miguel Reale Júnior, uma das peças-chave no golpe de 2016. Reale, Hélio Bicudo, e a famigerada Janaína Paschoal, aquela da 'República da cobra', compuseram a peça de acusação contra Dilma Rousseff. Janaína Paschoal recebeu R\$ 45 mil do PSDB pelo serviço sujo. Quanto aos outros dois comparsas, quem sabe?

Grande imprensa

O jornal O Estado de São Paulo publicou uma matéria, no caderno E-Investidor, que já no título deixa a dúvida: "Apoio de Meirelles vai fazer o mercado aceitar o candidato Lula?". A burguesia é muito pragmática, faz declarações soltas, mas o fato é que pretende transformar a vida de Lula



Lula e seus verdadeiros aliados, os trabalhadores, em ato eleitoral em Florianópolis. – Foto: Ricardo Stuckert/ Fotos Públicas.

um inferno na presidência, caso seja eleito.

Sobre Meirelles, com certeza agrada o fato de pertencer ao partido União Brasil, e de ser o responsável pelo 'teto de gastos' durante o governo Temer. O que é uma outra maneira de se dizer, corte de gastos públicos.

Segundo a matéria, Marcus Labarte, sócio-fundador da GT Capital, teria declarado que "Meirelles é um profissional altamente experiente, que tem fácil acesso aos principais players do mercado financeiro brasileiro e internacional. Na minha visão, esse apoio é um aviso do presidente Lula de que terá por perto alguém que é tido como moderador e que já esteve à frente na tomada de decisões dos governos Temer e Lula".

Fábio Fares, analista da Quantzed diz que "O mercado gostou de ver o Meirelles do lado do Lula, porque começa a trazer um pouco mais de luz para uma possível equipe econômica e quadro de ministros mais voltado para o que mercado quer ver, como responsabilidade fiscal" (...) "o mercado começa a entender que, seja como ministro ou em algum cargo importante dentro das finanças, ele pode buscar soluções viáveis, respeitando o Orçamento. Mesmo que tenha que flexibilizar o Teto de Gastos".

Para Gustavo Cruz, da RB Investimentos, "o mercado começa a entender que, seja como ministro ou em algum cargo importante dentro das finanças, ele pode buscar soluções viáveis, respeitando o Orçamento. Mesmo que tenha que flexibilizar o Teto de Gastos".

Há aqueles que querem um governo

Lula como o do primeiro mandato e longe daquilo que o foi o governo Dilma. Há também um receio de que na Fazenda coloquem um outro Mantega.

Qual é o receio?

O 'mercado' sabe, no fundo, que Lula pode fazer os acenos que quiser, a questão é quem ele traz consigo, não essa horda direitista atrás de postos no governo, mas a classe trabalhadora, da cidade e do campo, que tem enormes expectativas com o ex-presidente.

O deus-mercado odeia o povo, quer esfolar o máximo possível, por isso precisa de um governo que seja capaz de arrochar ainda mais o míngua rendimento do trabalhador. O imperialismo, que planejou o golpe contra Dilma e prendeu Lula com ajuda do Judiciário, também precisa avidamente de sangrar o País para manter a economia respirando.

Um governo Lula dificilmente conseguiria fazer uma política econômica tão direitista, mesmo que quisesse. A CUT por exemplo, congrega algo em torno de 4 mil sindicatos. O MST é ligado ao PT e vai cobrar uma reforma agrária. Nos primeiros mandatos os trabalhadores foram bastante pacientes com o governo, mas esse tempo parece ter ficado para trás.

Se quisermos um exemplo, no Chile, com a eleição de Boric, um governo com nome de esquerda e visivelmente colocado ali para segurar a tendência revolucionária das massas, já está entrando em conflito a população que volta a sair às ruas.

Na Colômbia venceu um presidente que é difícil de chamar de esquerdista, mesmo com muito boa vontade. Os problemas sociais, como matança de lideranças populares segue na mesma intensidade, o que é o prenúncio de futuros distúrbios.

E a carta do fascismo?

Com o fracasso da esquerda cor-de-rosa parece que só restará à burguesia jogar a carta do fascismo, mas o principal sustentáculo dessa política, o imperialismo, tem seus próprios problemas para resolver, como a crise na Ucrânia e Taiwan.

Para piorar a situação, a porção europeia do imperialismo, ao que tudo indica, terá que enfrentar um inverno sem gás e petróleo russos, essenciais para o aquecimento e funcionamento da indústria em boa parte dos países.

Manifestações estão surgindo por toda a parte na Europa. O Reino Unido, um dos pilares do imperialismo, acaba de perder a rainha e o novo rei não empolga, o que faz o separatismo, como o escocês voltar a assombrar o governo.

No Brasil, a classe trabalhadora está muito polarizada, a própria situação impõe que seja assim. Muito provavelmente, caso Lula vença, teremos uma poderosa força puxando-o para a esquerda, enquanto o mercado, sem poder contar a presença de seu principal jogador, os EUA, tentará aprofundar sua exploração. A direita não confia em Lula porque sabe que não existe possibilidade de conciliação entre ela e os interesses da classe trabalhadora, essa sombra incômoda que Lula carrega.

Cartas marcadas

Eleições 2022: a festa da burocracia e da ditadura

Nas eleições brasileiras, regras antidemocráticas e burocráticas são feitas para excluir o povo e favorecer a corrupta burguesia

As eleições no Brasil, desde sempre, vão de encontro ao que deveria ser uma democracia, mesmo a burguesa. O pleito eleitoral, realizado num intervalo de dois anos, é de fato um show de burocracia e ditadura em prol da burguesia que comanda o País. O Judiciário, instância de poder da burguesia que controla o processo político, indiretamente escolhe os candidatos que serão conhecidos pelo povo. Muitos deles, sobretudo os populares ou oriundos de partidos revolucionários, são na maioria das vezes eliminados da disputa, numa clara ação antidemocrática, ditatorial. É o caso, por exemplo, do Partido da Causa Operária (PCO), cuja maioria de seus candidatos são trabalhadores, com poucos bens materiais, e enfrentam incontáveis problemas no registro de suas candidaturas. Inventam e exigem centenas de documentos para poder impedir o registro e com isso passar a impressão de estar cumprindo regras, mas, na verdade, são atos ditatoriais e burocráticos para manipular o processo eleitoral. Após esse processo rigoroso e antidemocrático de seleção nos registros de candidaturas, a população fica restrita a consumir informações apenas dos candidatos criminosos e reincidentes da burguesia, pois o monopólio da imprensa só os favorece. Na apuração dos votos, a fraude pode acontecer em ambas as formas de votação, tanto a manual como a votação por urnas eletrônicas, pois seu controle e apuração são feitos pela burguesia através de seus tribunais eleitorais. No Brasil, não existe o direito democrático de se criar um partido político, que é essencial para a transformação de uma sociedade. As dificuldades são imensas justamente para que os poucos partidos burgueses comandem as eleições e façam centenas de barganhas pelo país afora. Só esses partidos têm tempo de propaganda na televisão, só eles recebem milionários fundos eleitorais e, conseqüentemente, elejam deputados para continuar mantendo esse mafioso sistema de escolha política. Com essas regras, a burguesia con-



Mesmo manipulando as eleições, burguesia precisa passar a falsa imagem de lisura e democracia do processo – Foto: Reprodução

trola as eleições de forma implacável. A regra de dois turnos para escolher os candidatos majoritários serve para a burguesia controlar mais ainda o pleito, pois o segundo turno será praticamente uma outra eleição, cujas opções já são traçadas desde o começo da campanha eleitoral. Esta é estipulada em tempo curto, tanto no primeiro quanto no segundo turnos, para que não dê tempo de os candidatos menos conhecidos realizarem sua propaganda, arrecadem dinheiro, enfim, um tempo curto para que as classes populares não divulguem nenhum programa que possa mobilizar a população e ameaçar o domínio burguês.

A visão do PCO

Rui Costa Pimenta, presidente Nacional do Partido da Causa Operária, lançou em 2010 um belo estudo sobre as eleições: "Eleições brasileiras: um jogo de cartas marcadas" (Edições Causa Operária), em que destrincha e denuncia todo o caráter ditatorial e antidemocrático das eleições no país em favor da burguesia, que impede a chegada ao poder de outros candidatos que não andem a reboque de sua ideologia. Atualmente, com uma maior difusão da internet, mesmo que não

esteja definitivamente democratizada, vimos o avanço de uma maior participação popular na difusão de ideias e outros candidatos, mas a burguesia, que controla as plataformas de comunicação das redes sociais, já começou a censurar os canais, partidos e grupos que lhe fazem oposição. Impedem o avanço desses canais, retiram inscritos e não divulgam os vídeos e programas, a fim de que o debate democrático de ideias fique prejudicado como sempre ficou. O PCO também fora vítima dessa ditadura no meio virtual ao ter seu canal com mais de 110 mil inscritos cancelado por defender ideias e os direitos democráticos da população.

O Tribunal Superior Eleitoral cria centenas de regras para obstruir a campanha de rua. Atualmente praticamente quase nada pode ser feito, pois o tribunal dificulta a panfletagem, proíbe a realização de shows, a confecção de camisas, limita a utilização de faixas, carros de som, enfim, são diversas regras que acabam prejudicando os pequenos partidos e a maioria da população, pois os grandes terão seu tempo garantido nos meios de comunicação e na compra incessante de votos. Além dessas centenas de regras burocráticas e sem sentido, a justiça eleitoral ainda tem o poder, através

da Lei de Ficha Limpa, de decidir quem deve se candidatar, um poder que deveria ser emanado do povo, e não de juizes burgueses a serviço de sua classe e interesses pessoais. Por isso que não devemos acreditar nos órgãos da burguesia, mas a esquerda pequeno-burguesa vem caindo nessa cilada e ilusão. São mais de 120 ações judiciais contra o candidato burguês Jair Bolsonaro, que vem infringindo muitas leis criadas por seus próprios patrões, mas nada o impede de seguir praticando. Se fosse algum candidato da esquerda já seria atingido, pois as leis são feitas justamente para serem aplicadas contra os adversários.

Devemos, portanto, em vez de ficar recorrendo constantemente à justiça burguesa, reivindicar eleições realmente democráticas, sem essas regras aberrantes e burocráticas. Devemos lutar por eleições livres, com mais tempo para pagar os programas políticos, com tempo igual de rádio e TV para todos, sem censura, com total liberdade política e de organização. A censura parte da burguesia e suas instituições. Recorrer a elas é um erro, uma ilusão e um nefasto fortalecimento desse regime farsesco e ditatorial que são as eleições brasileiras.

COMITÊS DE LUTA

**ACOMPANHE AS
CAMPANHAS DOS
COMITÊS E JUNTE-SE AO
MAIS PRÓXIMO EM:**

COMITESDELUTA.COM.BR